



# Zero-a-Seis *06*

## CARTAS PEDAGÓGICAS Pedagogical Letters

Andréia Regina de Oliveira **CAMARGO**  
Núcleo de Educação Infantil  
Escola Paulistinha de Educação  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
São Paulo, Brasil  
[acamargo13@unifesp.br](mailto:acamargo13@unifesp.br)  
 <https://orcid.org/0000-0002-1158-2814> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

**Votorantim, 12 de janeiro de 2022**

### **Aos leitores**

A seção “Outras linguagens” deste Dossiê é tão especial quanto a temática da revista.

Compartilharemos com vocês correspondências produzidas, lidas e trocadas por diferentes remetentes durante os encontros formativos realizados no ano de 2021 pelo Núcleo de Educação e Estudos da Infância, da UFSCar *campus* Sorocaba, em parceria com o Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mais especificamente as que emergiram do curso “**Educação Infantil numa perspectiva inclusiva**”. As trocas das cartas compõem o movimento da minha pesquisa de pós-doutorado, que estou realizando na UFSCar *campus* Sorocaba.

A cada ação extensionista do Núcleo iniciávamos com a leitura de uma carta-convite para entrelaçarmos fazeres e saberes que fazem parte da nossa trajetória

formativa e tecem nossas histórias. Cartas que mobilizaram reflexões, o memorar de histórias de vidas e experiências da prática educativa, que potencializaram questionamentos, ideias, sonhos, tensões... que possibilitaram partilhas e diálogos sobre a temática, ampliando os espaços e formas de acolhimento, escuta, reflexão e trans-formação docente.

Para ampliar as reflexões e potencializar outras linguagens e formas de leitura, traremos de forma intercalada entre as cartas, fotografias produzidas pela Malu, criança cega de nascença que aos 03 anos foi convidada a fotografar os momentos de festejo no ano de 2015, no Centro de Educação Infantil no qual eu era diretora e a Fernanda Souza era a coordenadora pedagógica. Fotografias que não carecem de análises e interpretações, mas que podem nos afetar e nos provocar a pensar a infância, as crianças, o currículo, a educação infantil, a inclusão e a profissão docente na escola da infância.

**Andréia Regina de Oliveira Camargo<sup>1</sup>**

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela UNESP, Mestre em Educação pela UNICAMP e Doutora em Educação pela UNESP/Rio Claro. Professora EBTT no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação, na UNIFESP e pós-doutoranda na UFSCar campus Sorocaba. Pesquisadora do Grupo de pesquisa Im@go: Laboratório da Imagem, Experiência e Cri@ção da UNESP de Rio Claro; Vice-líder do CRIEI - Grupo de pesquisas e estudos a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância da UFSCar, campus Sorocaba; e líder do Acriançar - Grupo de pesquisa sobre e com bebês, crianças e infâncias da UNIFESP. Coordenadora local do Núcleo de Educação e Estudos da Infância, da UFSCar campus Sorocaba. Membro do Fórum de Educação Infantil de Sorocaba e região.





**São Paulo, 28 de agosto de 2021**

**Para querida "T"**

Escrevo esta carta para te contar o quanto você foi importante na minha formação e na minha vida. Me tornei a professora que sou, preocupada com a inclusão das crianças pequenas em escolas "ditas normais", porque um dia tive a oportunidade de ter te conhecido.

Foi muito desafiador ter uma criança especial na sala, entre outras tantas crianças. Todos os dias eu pensava em como poderia te ajudar, se bem que acredito que eu aprendi mais com você do que ensinei.

Você tinha apenas quatro anos quando eu te conheci, não falava verbalmente, mas se comunicava com o olhar. Me lembro que você tinha acabado de passar por um implante coclear e sua família estava cheia de dúvidas e de expectativas, sonhando com o dia em que ouviriam o som da sua voz, e você chamando-os de mamãe e papai.

Tudo era muito novo e você estava começando aprender os sons ao seu redor. A surdez profunda bilateral seria vencida por um implante coclear, que lhe traria a esperança de ouvir os sons dos pássaros, os ruídos, os barulhos da sala, das crianças e também lhe proporcionaria se comunicar verbalmente.

O processo foi longo e muito desafiador, porém você com toda a sua esperteza, conseguiu aprender a se comunicar. É claro que não foi da noite para o dia, mas você venceu todas as batalhas e eu pude acompanhar pouco a pouco a sua evolução. Desde o susto levado pelo som de uma cadeira caindo na sala, até as primeiras palavras pronunciadas, me lembro de todo o esforço que minha pequena e sua família vivenciaram.

Conviver com você me fez pensar na importância da inclusão e quanto o professor pode ajudar crianças como você a vencer os desafios e aprender dia a dia. Minha curiosidade de aprender para te ajudar fez com que esse processo fosse inesquecível.

Lembro das viagens com a sua família para participar das consultas, pois era a única oportunidade que eu tinha de entender suas necessidades. Eu conversava com os especialistas para aprender mais e poder fazer o melhor por você. Meu aprendizado foi movido pela sua expectativa de aprender a se comunicar dia após dia. Eu vibrava com cada conquista sua e você me ensinava a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Fazer parte da sua vida e da sua história me provocou e mobilizou pela busca de novos cursos. Me especializei em Educação inclusiva e agora tenho certeza de que o

pouco que aprendi me mobiliza a buscar mais conhecimentos e experiências para sempre estar “preparada” para encontrar mais “Ts”.

Hoje, já adolescente, você conversa como se nunca tivesse ficado quatro anos de sua vida sem ter ouvido absolutamente nada. Olhando para você entendo o que é a potência das crianças.

Talvez você não saiba da importância que teve em minha vida, mas saiba que carregou você em minha memória. Sempre que nos encontramos batemos um bom papo e eu fico admirando a bela garota que você se tornou.

Saiba que sempre estarei na torcida por suas conquistas. Um forte abraço da professora que nunca te esquecerá!

***Vanessa Ribeiro Leoncio<sup>2</sup>***

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

---

<sup>2</sup> Professora Vanessa Ribeiro Leônico, Pedagoga pela Faculdade de Pinhais-FAPI, Professora de Educação Infantil do Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: [vanessa.rleoncio@gmail.com](mailto:vanessa.rleoncio@gmail.com)



**Votorantim, 30 de março de 2021**

**Olá Adriana, espero que esteja bem!**

Obrigada por me enviar sua carta/e-mail.

Lendo sua autodescrição fiquei tentando te imaginar, como se fosse um desenho elaborado mentalmente. Agora estou inquieta, imaginando as crianças e adultos com deficiência visual; quantas "Adrianas" foram ou são criadas mentalmente a partir dos sons, do tato, do cheiro, da descrição...?

Sabe, antes de participar desse curso nunca tinha parado para pensar na importância do auto/audiodescrição. Na verdade, eu me achava inclusiva, mas percebi que na realidade eu tento ser, mas por enquanto está mais no discurso.

Quantas vezes me preocupei com o colorido, com a estética visual de slides e espaços físicos, mas sem pensar nas diferenças e deficiências?

Quantas vezes falei rapidamente, sem me preocupar com aquelas e aqueles que não escutam?

Quantas propostas elaborei idealizando uma criança padrão que nem sei se existe?

Agradeço imensamente a possibilidade de me questionar instigada pela sua carta.

***Abraços questionadores!***

***Andréia R. O. Camargo***

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo





**São Paulo, 13 de março de 2021**

**Olá a todos!**

Me chamo Joseane Almeida, sou professora de Educação Infantil já há algumas décadas!

Pensando nessa temática da importância da Educação Infantil e da Inclusão efetiva, pude buscar minhas vivências de vida! Me lembrei que na minha infância tive a rica experiência de brincar com uma menina que hoje sei que ela tinha Síndrome de Down, mas na época ouvi que podia brincar com ela, mas com cuidado, pois ela tinha algumas limitações.

Ao conhecer a "M.", percebi que sua fala era diferente e que seus abraços eram muito fortes, mas brincávamos normalmente, assim como com as outras crianças que eu convivia.

Minha irmãe mais velha (é isso mesmo, por eu não ter conhecido minha mãe, que faleceu no meu nascimento, tive minha irmãe como mãe) teve muita dificuldade nos estudos e esteve 5 anos consecutivos na mesma segunda série. Ela me trouxe a importância de termos formação. A "L.", minha irmãe, descobriu sozinha durante sua vida que ela é disléxica, por isso sua dificuldade na escrita, em algumas palavras, na lateralidade...

Outra pessoa que me fez ter a consciência da responsabilidade de ter boa formação, foi no ano de 2004 quando uma mãe de uma criança me disse: "-É você que irá ficar com minha filha ano que vem? Então só será professora dela se você se comprometer a ir sempre na APAE participar dos encontros e colaborar com os relatórios do desenvolvimento de minha filha!"

Confesso que fiquei assustada de início. Mas ao longo do ano entendi a mãe da "G.", que por conta da Síndrome de Down frequentava a APAE há anos. Ao visitar aquele espaço percebi quão grande era aquele trabalho, como cada profissional contribuía coletivamente um com o outro em prol das crianças atendidas e seus familiares também, e como contribuía no nosso trabalho nos espaços das escolas regulares.

Ao longo da vida, como mãe, meu filho "M.", que teve muita dificuldade na escrita, pois trocava diversas letras com fonemas parecidos, e em compreender e realizar comandos do cotidiano, me ensinou a diferença que faz a contribuição e o acompanhamento profissional, pois foi por meio das sessões de fono que descobrimos que ele tem DPAC.

Nessa carta, quero citar com minhas vivências que tudo é importante: mesmo com a falta de conhecimento é importante agir sempre com empatia; buscarmos relações horizontais e de respeito mútuo; faz-se necessário termos leis que buscam diminuir desigualdades; é fundamental que as crianças tenham acompanhamento qualificado e que nós, enquanto escola, buscamos a ética e a qualidade no atendimento das crianças, principalmente na primeira infância!

Sabemos que os laudos são importantes, mas as relações humanas são as que mais nos ensinam na prática sobre inclusão, sobre as necessidades, realidades e a falta de estruturas também!

Temos um grande papel! Nosso trabalho repercute nos espaços educacionais e esses reverberam fora da escola, atinge as famílias, a sociedade como um todo! Trabalhar com a Educação não é nada fácil, mas é fascinante sempre, pois lidamos com o outro e seu desenvolvimento, e nessas trocas temos grandes aprendizados com todos!

Comecei as aulas esse fim de semana e estou encantada com tantos aprendizados e reflexões!

**Joseane Almeida<sup>3</sup>**

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

---

<sup>3</sup> Professora Joseane de Almeida. E-mail: j-joseane@hotmail.com



**Sorocaba, 01 de abril de 2021**

***Olá Joseane! Como vai?***

Sou Roseli Garcia, diretora de escola da infância recém aposentada, pesquisadora da educação infantil, estudante...

Sua carta me tocou muito... saiba que nas reticências moram pensamentos, sentimentos, memórias... que ainda estão latentes, talvez reprimidos, à espera de tomarem forma, como na sua carta.

Você apresenta um movimento reflexivo que vem e que nos toca desde as entranhas de nossa individualidade, das nossas vidas até a superfície das relações, das políticas públicas - e demonstra o quanto estão interligadas e "reverberam" umas sobre as outras.

O convívio infantil com amigos, colegas de escola e familiares com deficiência ou síndromes mantidas sem nome nos mantiveram na inocência, mas as tornam mais vulneráveis também.

A formação docente, em nosso caso da educação infantil, demanda a busca de nossa identidade, como você apresentou na sua carta - desde as relações de família, de amigo/amiga, de colega, de docente, de gestor, de gestora - em busca de esteio para fortalecer relações de acolhimento, de respeito, de cooperação, de entendimento, de compreensão, para buscar conhecimentos, para produzir novos conhecimentos, para lutar pelos direitos de cada criança, de todas as crianças em suas diferenças.

Muito obrigada por compartilhar suas vivências, reflexões a respeito de "buscarmos relações horizontais e de respeito mútuo; (...) é fundamental que as crianças tenham acompanhamento qualificado e que nós, enquanto escola, buscamos a ética e a qualidade no atendimento das crianças, principalmente na primeira infância".

Sigamos na luta! Esse curso nos conectou, e aprendemos muito! Grande abraço!

***Roseli Garcia<sup>4</sup>***

---

<sup>4</sup> Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia, pós-doutorado na Universidade de São Carlos (UFSCar) Sorocaba/SP; Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade de Sorocaba - (UNISO), Diretora de escola aposentada da Prefeitura de Sorocaba; pesquisadora dos grupos de pesquisas CREI da UFSCar e ACRIANÇAR da UNIFESP. E-mail: roselidoc@gmail.com

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo



## **Barueri, 08 de março de 2021**

Olá, prezadas colegas do Núcleo de educação e estudos da infância e todas, todos e todes do curso educação infantil na perspectiva inclusiva.

Meu nome é Andréia Pereira Marques, sou professora da rede pública de São Paulo, sempre atuei na educação infantil. Atualmente ocupo a função de formadora de coordenadores pedagógicos da primeira infância da diretoria de ensino de Pirituba/Jaraguá – DRE PJ, setor conhecido como divisão pedagógica – DIPED PJ.

Quero relatar minha primeira memória de infância sobre o tema da inclusão. Por acreditar que chegar a este curso foi uma decisão de assumir trechos de minha própria história em busca de dias melhores na educação.

Minha irmã, três anos mais velha, sempre gostou muito de brincar comigo. A atenção e o carinho que ela dedicava aos nossos fazeres brincantes reveste minhas lembranças de uma sensação boa, de dias de liberdade, risadas fáceis e muitas descobertas.

Quando ela começou a ir à escola, senti inveja. Minha mãe dizia que o meu dia iria chegar. Como não ter inveja? A “escola” era enorme, cheia de crianças e o meu tio amado, tio Zé, vendia doces na calçada da escola, em seu carrinho azul bebê. Sinto o cheiro do carrinho e dele, o tio que adorava correr com a gente. Minha irmã ganhou bolsa, copo, toalha, roupas e tênis, tudo novo! E eu tinha que ficar em casa, no meio das máquinas de costura de minha mãe que nunca frequentou uma escola, esperando-a chegar para brincar. Não gostava, achava injusto!

Um dia minha mãe, para justificar o fato de apenas minha irmã ir à escola, me disse: “- Ela é especial! Todos na sala dela são especiais”.

Especial, esta palavra invadiu meu imaginário e daquele dia em diante eu sempre falava toda orgulhosa que minha irmã era muito especial. Valiosa, sabe! Conte para vizinha, meus primos e até para a enfermeira do posto de saúde. Minha irmã era tão legal, mas tão legal, que conseguiu entrar em uma sala especial. Imaginava que a melhor sala de toda a escola era a sala da minha irmã. E só poderia ser. Ela era incrível como irmã. Tão dedicada a brincar incansavelmente ao meu lado. Comecei a me achar uma criança muito sortuda de ter ela por perto.

Muitas vezes eu fazia minha mãe ir mais cedo para porta da escola, queria ver meu tio e o movimento das crianças. Algumas crianças ao saírem ficavam apontando para o carrinho de doces do meu tio. Outro motivo de orgulho. Tio que vende doces na porta da escola. Ah, como eu me achava importante.



Quando chegou o ano de meu ingresso na escola, fiquei tão feliz. Havia uma ansiedade e medo de não ser tão especial quanto minha irmã. No primeiro dia de aula, minha roupa estava impecável, fomos de mãos dadas até a porta da escola. Tio Zé estava feliz, nos deu balas grudentas. No pátio fiquei na fila das menores crianças, me despedi de minha irmã e ficamos nos olhando. A fila dela era distante da minha, perto do palco. Lembro-me de vê-la acenando também orgulhosa, pois havia chegado meu dia de ir à escola. Estávamos em êxtase. Minha fila era dividida com meninas na frente e os meninos no final. Se exigia um atrás do outro. Na minha irmã todos estavam se falando em pequenas duplas, eram mais livres, pensei, eles são mais organizados. Despedimo-nos com olhares e minha turma seguiu subindo uma escadaria enorme. Ela ficou no pátio, a turma especial era a última a entrar. A sala ficava atrás do palco, percebi uma criança na cadeira de rodas e outra no colo da mãe. Não via a hora do intervalo, para encontrar com ela. Para minha surpresa, não podíamos nos ver. Espiei no quadrado de vidro da porta da sala dela. Não a encontrei e me incomodei com o fato de ouvir uma gritaria, era tão diferente. Outro ponto que percebi na sala da minha irmã é que não havia crianças do mesmo tamanho, eram de idades diferentes. Confesso que aos sete anos, acreditei que estas diferenças me colocavam em um lugar bem inferior. Pensei, não sou especial, preciso estar na fila chata, com crianças da mesma idade. Minha sala tinha um silêncio que chegava a ser chato. A vida foi seguindo e aos poucos fui conhecendo as outras crianças da sala de minha irmã. Uma não conseguia falar, e minha irmã me explicou que era uma menina tímida. Um menino ficava com o corpo amarrado na cadeira de rodas, babava muito. Este ela me disse que a mãe dele não havia ensinado a não babar. Aos poucos fui descobrindo muitas diferenças. A decepção com a palavra especial foi grande. Depois de muito tempo que pude identificar que o lugar da minha irmã era de pura exclusão. O que aos meus olhos de criança era um lugar nobre, precioso, aos poucos fui notando que se tratava de um mero depósito. Minha irmã, tão carinhosa e feliz não tinha nenhuma síndrome, mas não pensava como as outras pessoas. Não poderia ser igual a ninguém, ela sempre foi a que mais transbordou amor e dedicação. Os fatos foram esclarecidos após o meu aniversário de oito anos. Meus pais me disseram: “-Sua irmã é diferente, não vai conseguir aprender como você. Ela tem um problema na cabeça, você terá que ter muita paciência com ela”.

O pior aniversário, o dia que aquela minha deusa irmã, que sempre cuidou de mim, passou a ser a pessoa que eu deveria cuidar. Enchi-me de dúvidas que me perseguem. Como pode uma pessoa tão doce, divertida e simples não conseguir

aprender? O que faltou ou o que transbordou? Minha irmã não teve a oportunidade de participar dos programas de inclusão. Não conseguiu se alfabetizar. Atualmente frequenta escola de danças. Faz o maior sucesso com seu mesmo amor e carinho que continua transbordando.

Crescer ao seu lado me fez tolerar muitas pessoas. Hoje posso afirmar, ela continua naquele lugar especial. Uma nobre pessoa. Alma rara! Veio ao mundo para me ensinar sobre diferenças, amor genuíno e a importância de ser feliz com o que temos.

Busco neste curso identificar os avanços para dias melhores para todas as crianças.

**Andréia Pereira Marques<sup>5</sup>**

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

---

<sup>5</sup> Professora Andréia Pereira Marques, Pós graduada em arte de ensinar arte, Pedagoga - Formada Instituto SINGULARIDADES, Assistente Técnico Educacional I - Formadora de coordenadores pedagógicos da Educação Infantil DIPED PJ - DRE PJ / PMSP. E-mail: andrea\_pereira@sme.prefeitura.sp.gov.br



## **Votorantim, 18 de março de 2021**

### **Olá Andréia Camargo**

Após a leitura de sua carta fui tomada por uma explosão de sentimentos, que fizeram emergir lembranças de minha infância, em especial o ambiente escolar.

Estas lembranças trouxeram à tona muitas dúvidas e curiosidades que tinha a respeito dessa diversidade. Quero compartilhar com você um pouco da minha história de vida.

Iniciei a vida escolar no ano de 1990. Estudava em uma escola particular na cidade de Sorocaba.

Recordo-me que nesta escola nunca vi um aluno com necessidades especiais, nem na fila de entrada, tampouco nos momentos cívicos e apresentações, nas quais todos os alunos da escola se reuniam. Acredito que não tinha nenhum matriculado.

Em 1994 mudei de escola, fui matriculada em uma escola estadual na cidade de Votorantim. Lá era bem diferente, a começar pelo tamanho da escola. Fiquei surpresa ao descobrir que nesta escola tinha uma sala para "alunos especiais".

Foi aí, nesta época, que descobri que crianças com necessidades especiais também frequentavam escola. Porém, o contato com estes alunos era restrito. Até a merenda eles faziam em refeitório separado, mas tinha uns alunos que podiam fazer o lanche conosco e circular pela escola, ir ao pátio, quadra e biblioteca.

Eu fiz amizade com uma garota dessa sala. Ela já era mocinha, mas gostava de brincar conosco e era bem divertido.

Em casa eu perguntava aos meus pais por que esta menina não estudava junto com os outros alunos da sua idade e minha mãe respondia que era porque ela tinha problema na cabeça.

A minha sala de aula era no mesmo corredor da "sala especial" e tinha dias que eu escutava muitos gritos, choros e barulhos no geral.

Penso como era difícil encontrar uma criança com necessidade especial em outros lugares, como: festas, eventos, shopping e praças. Onde estavam? Por que não eram vistas?

Lembro também quando encontrava na rua alguma pessoa com deficiência e minha mãe sempre recomendava para não ficar olhando.

Por que não podia olhar, perguntar, se aproximar dessas pessoas?

Tantas dúvidas e curiosidades não foram respondidas por falta de informações, numa cultura social estigmatizada.

Eu cresci e me formei em Pedagogia. Atuando em sala de aula me deparei com a diversidade. Recebi alunos com necessidades especiais. E agora, o que fazer?

Foi um grande desafio! Me deparei com meus medos, anseios e muita insegurança. Confesso que não sabia lidar com a situação. Mas por meio da relação professora/aluno tive a oportunidade de conhecer e desconstruir aquela imagem e conceito que eram ditos como verdades.

Busquei ajuda com colegas de profissão, estudei, pesquisei, realizei e realizo cursos de formação, capacitação. Essa busca por conhecimentos e aprendizagens é contínua.

Estou feliz em participar deste curso, em aprender um pouco mais com as falas pertinentes de cada professor.

A busca de conhecimento amplia nosso olhar e transformam nossas atitudes e ações.

***Abraços carinhosos!***

***Carla Herrera Estebam Pacheco<sup>6</sup>***

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

---

<sup>6</sup> Professora Carla Herrera Estebam Pacheco, Graduada em Pedagogia na Uniararas, Pós-graduada em Arte-Educação na Facespi e A.E.E no Nep, Professora de Educação Infantil (PEB I) na E.M. João Francisco Rosa - Prefeitura Municipal de Sorocaba. E-mail: caestebampacheco@gmail.com



**Votorantim, 30 de março de 2021**

**Querida professora Carla!**

Quantas inquietações e provocações a sua carta me trouxe. Aliás, ela me transportou à infância, as minhas lembranças escassas e adormecidas de quando eu era criança.

Não me lembro de nenhuma criança deficiente na escola, em nenhuma etapa da educação básica. Mas me lembrei do Gil, um menino/moço que morava no meu bairro, mas que nunca consegui tocar, conversar e brincar.

Sempre que eu passava na calçada ficava observando-o e dava um tchau. Nunca compreendi, tampouco tensionei o motivo do distanciamento social, apenas reproduzia as formas de relações estabelecidas naquela época.

A alegria, o sorriso, os movimentos e os “barulhos” do Gil eram um convite ao brincar, cerceado materialmente por um muro e um portão e humanamente pela ausência de possibilidades de interação.

Que vontade de ter brincado e aprendido com ele!

Como será que o Gil está? Será que ele ainda está na varanda da casa, vendo a vida passar?

***Abraços pensativos!***  
**Andréia R. O. Camargo**

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo





**São Paulo, dia 01 de maio de 2022**

Vou começar me desculpando pela demora da escrita desta carta, foi um pouco difícil digerir tudo o que eu passei até aqui, mas para falar a verdade nem tudo foi digerido ainda. Existe muita coisa atravessada na garganta, como se fosse um nó, sabe? Mas vejo que seja importante começar a falar mais sobre esse assunto, e acredito que a escrita dessa carta caiu em um dia ideal para isso, o dia do trabalhaDOR!

Para mim o trabalho é algo que move a gente, o meio e as pessoas com quem dividimos esse espaço. Assim, encontrei na profissão de professor, em escola de crianças pequenas, o espaço para chamar de meu trabalho. Bem, eu sou um sonhaDOR, acredito em uma utopia de mudar a sociedade por meio da educação, e isso me faz continuar em movimento constante, bem como viver em constante resistência e batalhas. Mas além dos problemas diários de um trabalhador assalariado, carrego comigo uma limitação no ombro direito. Sabe quando passa um filme na nossa cabeça? Isso acabou de acontecer comigo e tentarei contar como adquiri essa deficiência, e como e quando comecei a trabalhar em escola e algumas situações inusitadas que aconteceram no dia-a-dia.

Estava no meio do curso de graduação em Educação Artística, fui da última turma com essa nomenclatura. No dia 31 de julho de 2009, sofri um acidente de moto, fraturando e luxando a cabeça do úmero direito. Assim, só para você ter ideia, a cabeça do úmero se deslocou para baixo da axila, consegue imaginar a DOR? Pois é, pensei que seria pontual, mas durou alguns meses, pois foram quatro cirurgias que eu fiz no total. Para resumir foi assim: a primeira foi para reduzir a cabeça do úmero, que nada mais é do que colocá-lo no lugar; a segunda foi para colocar uma placa, que deveria ser posta já na primeira cirurgia, mas o hospital não tinha esse material. No entanto, não foi posta nessa também e ninguém soube explicar o porquê. Enfim, na segunda colocaram uns fios para segurar a cabeça no osso, chamado de fio de kirschner; após a segunda cirurgia uma infecção tomou conta do meu ombro, sendo necessário me internar. Fiquei cerca de dois meses internado e nesse meio tempo fiz minha terceira cirurgia, para finalmente colocar a placa; os meses foram passando, a infecção diminuindo, porém foi detectado em um raio-x que a cabeça do úmero estava necrosando, assim foi necessário realizar a quarta cirurgia, para a retirada da placa, quase um ano após o acidente.

Na escola conto que estava pescando um peixe com arpão no pantanal e um jacaré me mordeu, acho bem mais legal essa história (risos), consigo até ver

acontecendo, o sangue, a falta de ar por estar debaixo d'água, eu batendo no olho do jacaré para ele me soltar, as pessoas me socorrendo... Mas a realidade não foi um aventura, mas só DOR. DOR por não começar a trabalhar após o término da minha graduação, DOR por não conseguir fazer e me desafiar como eu fazia anteriormente, DOR por ver meu braço, peito e costa atrofiando, DOR nas inúmeras sessões de fisioterapia, DOR por ficar afastado por quatro anos da minha vida laboral e não conseguir ser um trabalhaDOR em minha profissão de professor.

Após esses quatro anos, tive alta pelo INSS e fui reabilitado, que nada mais é do que um laudo do INSS descrevendo as limitações da deficiência e afirmando que as empresas poderiam me contratar dentro da cota de PCD (pessoa com deficiência). Com isso, precisei voltar para meu emprego anterior, em uma loja varejista de shopping, uma das piores experiências da minha vida. Por ser reabilitado não poderia exercer meu antigo cargo, então fui para o crediário com a função de auxiliar administrativo. O problema é que me deixaram literalmente encostado, sem atribuir nenhuma demanda para a nova função, e quando aparecia algo para fazer, era no estoque, como pegar mercadorias para os clientes, muitas vezes em prateleiras altas e/ou mercadorias pesadas, atividades que não poderia exercer. Aquilo me doía, parecia que a DOR me acompanharia para o resto da vida, seja ela física ou no convívio com pessoas sem empatia.

Mas sou sonhaDOR e utópico, precisava me mover e sair daquela realidade que me consumia, foi quando uma amiga que estudou comigo me disse sobre a SPDM (Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina), que contratava oficineiro. Para concorrer a vaga precisava realizar um cadastro no site, mas quando estava realizando esse cadastro minha internet caiu, só dando tempo de preencher a primeira página. No entanto, para minha surpresa, uma semana se passou e uma funcionária da SPDM me ligou dizendo que estavam com um processo seletivo para pessoas com deficiência. Fiquei tão feliz em ter a possibilidade de sair da loja varejista que estava de "castigo", que aceitei o convite sem perguntar para qual vaga era. Chegando no processo seletivo fiquei sabendo que a vaga que estava disponível era de assistente administrativo. Fiquei tão desapontado, mas mesmo assim vi uma possibilidade de aproveitar a oportunidade, foi quando eu disse para a entrevistadora olhar meu currículo e minha graduação, pois gostaria de trabalhar na minha área de formação e, se por acaso, tinha alguma vaga em aberto. Parecia que ela sentiu a minha DOR, me disse que iria procurar algo para mim.

Após três semanas, recebi uma ligação da moça que me entrevistou, pedindo para comparecer no RH, que apareceu uma vaga para professor de Educação Artística na escola vinculada da SPDM e da Unifesp. Meu coração se encheu de alegria. Exatamente no dia dos professores, 15 de outubro de 2013, comecei a trabalhar como professor.

Na escola eu crio, brinco, experimento e investigo com as crianças, e nesse movimento me reencontro e me reconheço. Mas nós, da educação, sabemos que a escola não são só flores, que não temos as melhores condições de trabalho, que falta material, que o salário está longe de ser ideal, inclusive para nos mantermos em constante formação. Se é difícil para as pessoas sem deficiência, imagine para que tem alguma? Nesses quase nove anos me reinventei, deixando muitas vezes a deficiência de lado para conseguir proporcionar e convidar as crianças para experiências com as múltiplas linguagens das artes, repertoriando-as com brincadeiras, canções, danças de roda e estéticas variadas das artes.

Pontuo isso com veemência, porque passei no concurso do Estado de São Paulo e fui chamado em 2017 para realizar os exames para o ingresso, porém, para minha surpresa, não pude assumir o cargo, pois os peritos avaliaram que se eu trabalhasse como professor de artes a minha deficiência poderia se agravar. A DOR que pensei que estivesse sido superada me deu um oi, dizendo que ainda me acompanharia por um bom tempo, que eu preciso me reinventar constantemente para anestesiá-la, inibindo-a por algum tempo para que eu possa continuar sonhando minhas utopias com as crianças.

Bem, fico por aqui, mesmo sabendo que deixei alguns pontos importantes dessa história passar, mas como eu disse no começo, muita coisa não consegui digerir ainda. Quem sabe em um futuro próximo eu te envie outra carta.

***Abraços!***

***Ítalo Butzke<sup>7</sup>***

---

<sup>7</sup> Professor Ítalo Butzke, Mestrando em Artes da Cena - Escola Superior Célia Helena, Artista educador no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação, da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp; Membro dos grupos de pesquisas CREI da UFSCar e ACRIANÇAR da UNIFESP. E-mail: italobutzke@hotmail.com

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo



**Andréia**

Meu nome é Míghian Danae e tenho 40 anos. Sou professora universitária há quase 3 anos e moro em São Francisco do Conde, no recôncavo baiano. Sou professora desde os 16 anos, quando ainda estava no magistério, cursado em Salvador. Trabalhei por 19 anos na Educação Básica, nomeadamente na Educação Infantil, nas cidades de Salvador, São Paulo e também aqui, na cidade onde moro hoje (rede municipal).

Pouco a pouco, apaixonei-me por dar aulas (acho que não é o melhor termo...), digo, por estar com as crianças pequenas, bebês... Hoje sinto uma falta enorme e acho que escolher fazer esse curso é um jeito de não perder de vista essa parte da minha história, que gosto tanto, que tenho certeza que me ensinaram a ser como sou hoje, que me apontaram caminhos de fazer e pensar as coisas que penso.

De maneira concreta, entendo que ter convivido com crianças, todos os dias, durante 20 anos, me ensinou a: 1) é preciso viver junto; 2) alegria pode ser um caminho para cruzar a vida; 3) sentir dor é algo que acontece para todas as pessoas, mas... o que é que eu vou fazer com isso? Vou seguir sofrendo ou vou achar outras saídas? Essas três coisas, que até hoje vejo presentes na minha vida, eu vi com as crianças. Parece romântico, mas não é. É duro, é difícil, mas me dá alento também. Eu só pude aprender isso quando comecei a enxergar as crianças como pessoas. Quando comecei a perceber que todas as crianças, todas sem exceção, são pessoas. Tem forças e fraquezas, dores e delícias. A educação inclusiva diz respeito a incluir todas as crianças na escola, e isso fala das crianças com deficiências, com superdotação e altas habilidades, negras, indígenas, imigrantes, meninas, meninos, crianças trans, então todas entre tantas pessoas que a diversidade humana permite.

Durante estes anos, recebi crianças que precisavam ser incluídas, num sistema escolar que não a via como pessoas, percebi que, em todas as vezes, foi preciso incluir também as famílias, que precisavam de atenção como pessoas, porque também não eram assim vistas. Com o passar do ano letivo, a segurança que a dignidade de ser pessoa trazia, fazia com que não apenas as crianças mas também as famílias sentiam-se a vontade para falar dos seus interesses, gostos, desejos, para aprender a escolher, a dizer não, a dizer não sei, sem medo de rótulos.

Essas experiências puderam me mostrar a urgência de formação em educação inclusiva desde a educação infantil, como forma de alcançar as crianças a partir do que

elas são, para a garantia de uma educação de qualidade. Não há qualidade na educação sem inclusão e é parte de nosso dever enquanto profissionais, buscar modos de fazer acontecer.

Eta! Falei demais. Vou ficar por aqui, feliz de poder escrever para você.

***Um beijo, com afeto!***

***Míghian Danae<sup>8</sup>***

Imagem: Código QR Code da carta em áudio



Fonte: Andréia R. O. Camargo

---

<sup>8</sup> Míghian Danae Ferreira Nunes, Doutorado em Educação - Faculdade de Educação USP, Professora Universitária na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Campus Malês BA. E-mail: mighiandanae@unilab.edu.br





**Votorantim, 05 de abril de 2021**

**Querida Malu!**

Faz mais de um ano que estou tentando encontrar palavras para escrever para você. A responsabilidade e a gratidão que sinto, pesam no momento da escolha e escrita das palavras.

Provavelmente você nem se lembra de mim, mas você será inesquecível na minha vida e na de muitos que compartilham comigo sua história no processo da minha pesquisa de doutorado, mas principalmente na história da minha vida.

Você tinha só três anos quando nos conhecemos. Uma criança imensamente pequena e sábia, que me convidou a ver e viver a vida e a pesquisa com outros olhares.

Malu, em 2015 eu era diretora na creche que você estava, e na época eu pesquisava sobre experiências imagéticas com crianças, educadores e educadoras. No percurso da pesquisa te encontrei e fui afetivamente tocada por você. Te convidei para fotografar os festejos da escola e você aceitou na hora, mas me pediu para te ensinar a usar a máquina fotográfica.

Festa Junina, brincadeiras na rua com as famílias, baile a fantasia... imagens-movimento-cores-texturas-desconcertos que nos provocam a re-pensar nossas relações com as crianças, com a educação infantil, com a vida.

Malu, teve um dia que dissemos para você tirar o dedinho da lente da máquina, e você respondeu algo que eu jamais me esquecerei:

“- Mas eu tô sentindo a foto!”

Muito obrigada por me ensinar que podemos sentir e enxergar com o corpo todo, por me colocar numa relação de escuta das vozes/imagens que ecoam no cotidiano da Educação Infantil, por aguçar e inverter os meus sentidos, por me fazer enxergar as miudezas da vida.

Malu, você me fez lembrar e sentir na pele um poema do Manuel de Barros: “Eu escuto a cor dos passarinhos”.

Espero te reencontrar e poder te contar e agradecer por tudo o que aprendi com você.

***Abraços apertados!***

***Andréia R. O. Camargo***

Imagem: Código QR Code da carta em áudio




Fonte: Andréia R. O. Camargo



## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA CARTAS PEDAGÓGICAS Pedagogical Letters

**Andréia Regina de Oliveira Camargo**

Doutora em Educação  
Professora do ensino básico, técnico e tecnológico (EBBT) /  
Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
[acamargo13@unifesp.br](mailto:acamargo13@unifesp.br)  
 <https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Endereço para correspondência indicando Rua-Avenida, número, CEP, Cidade, Sigla do Estado, País.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos, pela parceria no Núcleo de Educação e Estudos da Infância, no grupo de pesquisa CRIEI, na Supervisão no Pós-doutorado na UFSCar campus Sorocaba e na vida. Ao parceiro e parceira Fernanda e Saimonton, idealizadores do Dossiê, pelo convite e confiança. Aos membros do Núcleo, CRIEI e NEI/EPE Unifesp pelo companheirismo e aos cursistas que compartilharam suas cartas e histórias conosco.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** A. R. O. Camargo

**Coleta de dados:** A. R. O. Camargo

**Análise de dados:** A. R. O. Camargo

**Discussão dos resultados:** A. R. O. Camargo

**Revisão e aprovação:** A. R. O. Camargo

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, e/ou possíveis vieses temáticos. Se não houver, mencionar: Não se aplica. Para mais informações: [https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper\\_CSE.pdf](https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf)

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 03-07-2022 – Aprovado em: 09-07-2022